

## O caminho do desassossego: um sentimento entre a literatura e a história

Carolina Borges da Silva Luiz<sup>29</sup>

**Resumo:** Este texto procura delinear o percurso da pesquisa de mestrado cujo objetivo foi entender o sentimento do desassossego, determinar suas especificidades e estabelecer sua relação com a experiência da modernidade. Através da leitura crítica do *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa, e do *Memorial do Convento*, de José Saramago, procuramos reconhecer as formas literárias que deram expressão ao sentimento estudado. Na dissertação foram explorados alguns dos temas recorrentes na representação do desassossego, tais como: a identidade, a memória, o pertencimento, a consciência, o trabalho intelectual e, sobretudo, a situação de crise que perpassa todos esses elementos. A pesquisa corrobora a noção de que os mecanismos da linguagem influenciam diretamente o modo como um sentimento é transmitido. Assim, identificamos que o estranhamento, o humor, a paródia, a ironia, a alegoria e a carnavalização são estratégias definidoras da sensibilidade moderna. O desassossego aparece nas figuras do exílio, da nostalgia, da consciência fragmentada e da identidade mutilada, sempre instaurando uma ruptura que desestabiliza o nexos de sentido estabelecido entre a experiência e a expectativa

**Palavras-chave:** Desassossego; Literatura; História; Modernidade.

Durante o percurso de uma pesquisa é comum surgirem percalços, hipóteses que precisam ser abandonadas, fontes desafiadoras, referências contraditórias, interlocutores que desmontam nossos argumentos e outros que já escreveram quase exatamente o que pretendíamos. Contudo, essas dificuldades e outros detalhes do caminho do pesquisador costumam ficar de fora dos trabalhos produzidos, nos quais apresentamos apenas os *resultados*.

Assim, para esta apresentação, escolhi três momentos significativos do meu caminho enquanto pesquisadora, pensando nas particularidades do trabalho que explora as relações entre literatura e história. Essa posição intermediária cria uma primeira dificuldade, pois, a disciplina histórica coloca grande peso nas *fontes*,

categoria problemática para as obras literárias; enquanto os estudos literários costumam encarar a história como “contexto”, seja de produção ou recepção. Sendo assim, minha proposta inicial era investigar um sentimento através de sua expressão literária ao longo do século XX, tentando não reduzir a literatura à categoria de fonte, nem a perspectiva histórica ao status de contexto.

### **Formação e Projeto**

É muito comum sermos questionados sobre o que motivou a escolha do nosso objeto ou, mais especificamente, por que tratar de literatura no campo da História e não das Letras. No meu caso, a opção por esse caminho começou na graduação, com uma sensação de que o trabalho do historiador estava esvaziado de sentido, uma grande frustração que acabou me levando a abandonar o curso de História. Contudo, durante os anos afastada, continuei a ser uma leitora de ficção e percebi que as inquietações de historiadora frustrada tinham forte impacto nas minhas leituras. Assim, ao retornar à Universidade, a motivação inicial do meu trabalho foi entender esse sentimento que havia me perturbado durante a graduação. A escolha da literatura como objeto de estudo foi inevitável, pois foi a literatura de ficção que deu forma a esse sentimento, tornando-o um tema possível de ser trabalhado.

Seria mais simples afirmar que tudo começou com a disciplina “Literatura e História no XX: o século do desassossego”, ministrada pelo professor Júlio Pimentel Pinto em 2005. De fato, foi então que eu redescobri Fernando Pessoa e travei meu primeiro contato com o *Livro do Desassossego*, no qual ele nomeia o sentimento que eu parecia sentir. Porém, foi preciso todo esse percurso biográfico, com anos de hesitação profissional, para formular a hipótese fundamental que eu levantei no projeto de pesquisa, a saber: o desassossego do ficcionista se relaciona intimamente com as dúvidas do fazer histórico; e na raiz do desassossego está um “estranhamento” em relação ao mundo e a si mesmo, que tem sido parte da motivação de artistas e intelectuais no último século.

Logo apareceram as primeiras dificuldades, pois eleger um sentimento como tema de estudo era uma opção pouco convencional, não havia muitos exemplos a seguir. Contudo, como uma primeira orientação, o professor Júlio Pimentel indicou

uma lista de obras chamada “Literatura e História: aproximações”, a partir da qual cheguei a alguns autores nos quais me apoiei para escrever o projeto. Na esteira dessas indicações, cheguei ao trabalho de Nicolau Sevcenko, um modelo para mim e para o meu projeto, assim como deve ter sido para muitos pesquisadores nesse seminário. Os parágrafos a seguir são parte da introdução de *Literatura como missão*, obra pioneira que desde 1983 tem sido constantemente citada para nos lembrar que:

[A literatura moderna] constitui possivelmente a porção mais dúctil, o limite mais extremo do discurso, o espaço onde ele se expõe por inteiro, visando reproduzir-se, mas expondo-se igualmente à infiltração corrosiva da dúvida e da perplexidade. É por onde o desafiam também os inconformados e os socialmente mal-ajustados.

[...]

O estudo da literatura conduzido no interior da pesquisa historiográfica, todavia, preenche-se de significados muito peculiares. Se a literatura moderna é uma fronteira extrema do discurso e o prosaísmo dos desajustados, mais do que o testemunho da sociedade, ela deve trazer em si a revelação dos seus focos mais candentes de tensão e mágoa dos aflitos. Deve traduzir no seu âmago mais um anseio de mudança do que os mecanismos da permanência. Sendo um produto do desejo, seu compromisso é maior com a fantasia que com a realidade. Preocupa-se com aquilo que poderia ou deveria ter sido na ordem das coisas, mais do que com seu estado real. Nesse sentido, enquanto a historiografia procura o ser das estruturas sociais, a literatura fornece uma expectativa do seu vir-a-ser. (SEVCENKO, 2003, p. 20 e 28).

Também tive grande ajuda ao buscar o trabalho do próprio professor Júlio Pimentel, que no artigo, “A literatura do desassossego no século XX” resume habilmente as ideias da disciplina que eu falei, e afirma:

Mutilado, fragmentado, dividido é o homem moderno, capaz de perceber sua pertença ambígua a tempos e a mundos que se separam. É a aguda percepção da história, com suas mudanças e rupturas, que a consciência moderna oferece. Pessoa viveu radicalmente uma experiência que era coletiva. E seu desassossego, mesmo se representado de maneira tão intensa e pessoal, não lhe é exclusivo. É do homem do século XX. (PINTO, 2006, n.p.)

A terceira grande referência historiográfica do projeto, e encerro por enquanto com historiadores, foi Maria Stella Bresciani, que no artigo “Metrópoles: As Faces do Monstro Urbano (as cidades no século XIX)”, afirma:

Para além da força emocional da retórica poética e literária em geral, presente nos textos dos homens cultos do século XIX, aparecem com igual impacto os delineamentos de uma nova sensibilidade. Convencidos de estarem vivendo no limiar de uma “nova era”, prenhe de um potencial transformador ainda não avaliado, eles se lançaram à empresa de anotar em seus escritos os sinais visíveis dessa novidade de dimensões desconhecidas e assustadoras. O sentido de desenraizamento expresso na perda de identidade social e de formas de orientação multisseculares, aparece de forma recorrente elaborando a imagem de uma crise de proporção e conteúdo inéditos. (...) Máquinas, multidões, cidades: o persistente trinômio do progresso, do fascínio e do medo. O estranhamento do ser humano em meio ao mundo em que vive, a sensação de ter sua vida organizada em obediência a um imperativo exterior e transcendente a ele mesmo, embora por ele produzido. (BRESCIANI, 1985, p. 36-37)

Foi com esse aparato, essa noção de uma “nova sensibilidade” engendrada pela experiência da modernidade que eu li o seguinte fragmento do *Livro do Desassossego*:

Pertenço a uma geração que herdou a descrença na fé cristã e que criou em si uma descrença em todas as outras fés. Os nossos pais tinham ainda o impulso credor, que transferiam do cristianismo para outras formas de ilusão. Uns eram entusiastas da igualdade social, outros eram enamorados só da beleza, outros tinham a fé na ciência e nos seus proveitos, e havia outros que, mais cristãos ainda iam buscar a Orientes e Ocidentes outras formas religiosas, com que entretivessem a consciência, sem elas oca, de meramente viver. Tudo isso nós perdemos, de todas essas consolações nascemos órfãos. Cada civilização segue a linha íntima de uma religião que a representa: passar para outras religiões é perder essa, e por fim perdê-las a todas. Nós perdemos essa, e às outras também. Ficámos, pois, cada um entregue a si próprio, na desolação de se sentir viver.

(...)

Sem ilusões, vivemos apenas do sonho, que é a ilusão de quem não pode ter ilusões. Vivendo de nós próprios, diminuimo-nos, porque o homem completo é o homem que se ignora. Sem fé, não temos esperança, e sem esperança não temos propriamente vida. Não tendo uma ideia do futuro, também não temos uma ideia de hoje, porque o hoje, para o homem de acção, não é senão um prólogo do futuro.” (PESSOA, 2006, p. 295-296)

A pesquisa se tornava, assim, a perseguição desse sentimento de “perder todas as consolações” – e eu não posso deixar de lembrar agora do sentimento de

orfandade, comentado ontem, vivido pelo Martim, protagonista do Milton Hatoum<sup>30</sup>. Vemos que o texto situa na mesma categoria a fé cristã, a ciência e o ideal de igualdade social – são todos “formas de ilusão” e “consolações”, perdidas para Bernardo Soares e sua geração. Toda teleologia e todo o sentido para a existência humana são abolidos.

O *Livro do Desassossego* é uma obra póstuma de Fernando Pessoa, assim como a maioria, já que tudo que publicou em vida é apenas uma ínfima parte de tudo que deixou em seu baú. E nisso está parte da dificuldade, o *Livro* nunca foi concluído pelo Pessoa e portanto não há consenso entre os editores e críticos sobre qual a sua forma, nem sobre o seu autor ou autores, já que alguns heterônimos competem pela autoria dos fragmentos, mas, em geral, o ganhador da contenda costuma ser o Bernardo Soares, o semi-heterônimo. O *Livro* é feito de uma série de fragmentos como esse, reflexões, ou bem diferentes desse, alguns mais parecidos com entradas de diário, outros com descrições de paisagens oníricas e muitos escritos no estilo de prosa poética. Enfim, podemos perceber que Fernando Pessoa é difícil, quase inefável, e *O Livro do desassossego*, então, é um labirinto suicida. Por isso, tratei de arranjar um fio de Ariadne para não morrer nesse labirinto. Aliás, tem mesmo o título de “O fio do desassossego”, o texto em que o italiano Antonio Tabucchi sugere uma linha de autores, iniciada em Bernardo Soares e que se prolonga em muitos escritores do século XX, entre os quais eu incluí José Saramago, com o qual eu me sentia mais à vontade, conhecia melhor e podia me oferecer um lastro, um termo de comparação para o desassossego pessoano, pois em minhas leituras eu sentia que também havia um desassossego saramaguiano. Mas voltemos ao Tabucchi:

O século recém-passado não nos deixou lá muito tranquilos. Não faltam testemunhos disso, e os há de todo tipo. Usando a literatura como sismógrafo de tudo aquilo que nos perturbou, observando o traço deixado por suas sensíveis agulhas, que registram no papel até as mais mínimas vibrações, qualquer um poderia escrever uma instrutiva história do século 20 seguindo o fio do desassossego. (...)

30 Em 21/08/2019, Milton Hatoum, escritor convidado para a abertura deste seminário, respondeu algumas perguntas sobre seu livro mais recente, *A noite da espera* (2017), mencionando que o sentimento de orfandade do protagonista é uma forte marca do romance.

Não é fácil definir com exatidão em que consiste o desassossego de Pessoa-Soares: é um desalento de viver, uma incompetência diante da vida e, acima de tudo, uma sensação de estranhamento em relação a ela, esse estranhamento que Álvaro de Campos, outro grande heterônimo de Pessoa, define em um poema com o adjetivo "estrangeiro": "Outra vez te revejo -Lisboa e Tejo e tudo-;/ Transeunte inútil de ti e de mim,/ Estrangeiro aqui como em toda a parte". (...)

Em resumo, o vocábulo "desassossego" fermenta e torna-se vastíssimo, tão vasto que é impossível encerrá-lo numa definição de dicionário. (TABUCCHI, 2001, n.p.)

E com essa afirmação do Tabucchi, eu passo à etapa seguinte: a Qualificação, quando tive que lidar com essa dificuldade de definir meu objeto e delimitar meu tema.

### **Percalços e Qualificação**

Até agora não mencionei o título da pesquisa: "O desassossego de Fernando Pessoa e José Saramago: a investigação de um sentimento através da literatura". De fato, eu cheguei à Qualificação assim mesmo, ainda indefinida e um tanto confusa. Passei um grande tempo perdida na infinidade da crítica pessoana e mais um bom tempo travada, intimidada pela envergadura teórica dessa crítica. Assim, à altura da Qualificação, eu mal havia começado o trabalho com o Saramago, na verdade só havia tido tempo de ler alguns escritos dele mesmo, sem ingressar na crítica. Com essas primeiras leituras, percebi que a proposta do projeto, trabalhar com os seus quatro romances históricos da década de 80 – *Levantado do Chão* (1980), *Memorial do Convento* (1982), *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984) e *História do Cerco de Lisboa* (1989) –, seria impossível. Então eu escolhi o *Memorial* e cortei os outros, claro que no relatório de qualificação, para justificar a mudança de planos, eu dei várias justificativas sérias para essa escolha, mas a realidade é que o *Memorial* é o meu preferido, um daqueles livros da nossa vida.

O texto que eu entreguei para a Qualificação, para além de uma introdução que falava desse "Fio do desassossego" e daquela hipótese já lançada no projeto, tinha um capítulo sobre a ironia pessoana, "uma ironia romântica" – eu arriscava: a ironia como um afastamento de si mesmo através da linguagem, um "cometimento permanente e autoconsciente", diriam os teóricos, e não apenas uma ferramenta

retórica. Esse afastamento de si, irônico, era parte fundamental do desassossego, segundo o argumento que tentei construir, baseada sobretudo nas aulas do professor Caio Gagliardi.

Eis que na banca, a professora Paola Poma, da Letras, muito amavelmente pontuou que a ironia era uma questão formal e sugeriu que, talvez, enquanto historiadora, eu devesse me preocupar menos com aspectos formais e tratar dos aspectos temáticos, que eu havia só pincelado, como a nostalgia, a frustração, o exílio figurado, a fragmentação, a mutilação, etc.

Enquanto o professor Elias Thomé Saliba, historiador, entre várias sugestões centrais para o trabalho que eu realizei depois, fez a pergunta fatal: afinal, o que é o desassossego? E a minha resposta, incompleta e insegura, foi parecida com aquela “não-definição” do Tabucchi.

### **Conclusões provisórias: o encontro de si é no outro**

Com isso eu chego à fase final desse percurso. Foi preciso um grande trabalho, muitas leituras e releituras para tentar definir um sentimento que era meu, eu precisei das palavras dos outros para tentar entender a minha experiência. Agora eu percebo que minha pesquisa, mais que uma “investigação” como eu coloquei no título, era uma busca, talvez um tanto proustiana.

Por recomendação do professor Elias, eu fortaleci a bibliografia de apoio com o livro *A Tinta da Melancolia. Uma História Cultural da Tristeza*, de Jean Starobinski. O médico e crítico literário também perseguiu um sentimento através da literatura – a tristeza ou a melancolia. Segundo ele: “Para o crítico, para o historiador, um sentimento só pode ser objeto de estudo depois que aparece em um texto” (STAROBINSKI, 2016, p. 205).

Lucien Febvre alertou: “As emoções são contagiosas”. Embora tenha estabelecido que uma determinada expressão da sensibilidade resulta de “uma dada série de experiências de vida comum”, o historiador também afirmou que a literatura “cria e em seguida difunde uma determinada forma de sentimento” (FEBVRE, 1989, p. 219, 228-229). De início, eu dei grande importância ao aspecto das experiências em comum, pensando a modernidade como um contexto fomentador de mudanças na sociedade e nas vidas dos indivíduos: o tempo é

acelerado, os deslocamentos espaciais se generalizam, as relações interpessoais respondem a um conjunto cada vez mais complexo e dinâmico de regras, os trabalhos e os discursos se multiplicam, os dogmas se esfacelam e a consciência histórica irrompe. Por isso, a princípio, me preocupei com a questão do pós-moderno, indagando se esse nosso tempo contemporâneo ainda oferece a mesma experiência que a modernidade de há um século. No entanto, durante a pesquisa, o problema transformou-se: não se trata apenas da investigação de um sentimento causado pela experiência da modernidade; mas sim da compreensão de como novas formas literárias estavam criando um novo sentimento.

Afinal, é possível afirmar que o desassossego não é uma inquietação comum, é um fenômeno moderno que atende por muitos nomes, quase sempre seguidos de uma longa descrição, que é sempre incompleta e insuficiente, tal como se segue. Na origem do desassossego está uma fratura, o nexo entre a experiência do passado e a expectativa do futuro se rompe. Esse rompimento se expressa nas figuras da mutilação, fragmentação, exílio, nostalgia, enfim, uma perda, seja de si mesmo, de um tempo, de um lugar, de uma crença, a perda de algo que doava sentido à existência. Esse foi o ponto de partida dessa pesquisa, o ponto de chegada é a definição a seguir. O desassossego é paradoxal e cíclico, na medida que envolve: (I) por um lado, a ânsia de preenchimento dessa fissura e a necessidade de estabelecer um sentido que oriente o momento presente, reconectando experiência e expectativa; (II) por outro, o próprio ato de criação desse sentido, gera a consciência de que se trata de uma construção, um produto do nosso trabalho de memória e esforço intelectual; (III) assim, essa consciência do caráter fictício das histórias que contamos para nós mesmos (na tentativa de compreender quem somos), alimenta uma imensa dúvida em relação a nossa própria experiência. No primeiro momento (I), as afecções do desassossego são próximas da angústia, da ansiedade e até do pânico. No segundo (II), temos o “peso da consciência do mundo” (PESSOA, 2006, p. 74) e a “responsabilidade que esmaga” (SARAMAGO, 1996, p. 45). Por último (III), manifesta-se o tédio, a incerteza, a abulia. Essa última fase guarda semelhança tanto com a melancolia quanto com o luto, para sair dela e recomeçar o ciclo é preciso entrar no seríssimo jogo da linguagem. O melancólico escapa pela ironia, como afirmou Starobinski.

Aquele que ainda está em luto pela perda do sentido, dá a volta através da alegoria, como disse Walter Benjamin.

Afinal, a arriscada definição acima se sustenta também em questões temáticas, como a mutilação, o exílio, a angústia da consciência, o peso do trabalho, etc. – tal como sugeriu a professora Paola Poma. Contudo, apesar dessa tentativa, continuo defendendo que uma das principais características do desassossego é que sua definição será sempre incompleta e insuficiente, o problema volta para a questão formal, da figura que desvia a linguagem, porque o sentimento que perseguimos implica esse afastamento de si mesmo e as repetidas tentativas de ver-se de fora, sempre se revisando, irônica ou alegoricamente.

Para entender esse movimento eu precisei do Saramago, embora não tenha contado como decorreu o trabalho com esse autor, tentarei indicar brevemente como ele contribuiu para as conclusões que teci sobre o desassossego. Milton Hatoum disse que sentiu a necessidade de ler bastante antes de escrever, foi assim também com o Saramago. Tanto que só aos 60 anos de idade ele realmente deslançou na carreira literária e, antes disso, exerceu a função de crítico, editor, tradutor e, mesmo depois, continuou dando grande importância a sua atividade de leitor. O romance que utilizei em minha pesquisa, *Memorial do Convento*, reforça essa imagem, pois transborda intertextualidade, marcando claramente que o texto se faz no diálogo com o outro.

Os três protagonistas do *Memorial* representam três instâncias narrativas que se unem em coro para fazer o contraponto da história oficial e do mito ideológico, que permanecem no horizonte do romance nas figuras do rei, das autoridades religiosas e da tradição: Baltasar é completamente fictício, sua origem é o romance, no qual seria o personagem tipo que deve representar sua classe; Blimunda vem do mundo das lendas e do folclore, do registro que é invalidado pela história por não ser verossímil ou provável, seria a Madame Pedegache (figura presente em relatos fantásticos de viajantes), a bruxa, a mulher intuitiva; Bartolomeu é o intermediário, o híbrido social, faz a ponte entre o palácio e o paço, entre a história oficial e a ficção, sua realidade é validada, mas seria apenas a nota de rodapé da História. Os três pertencem a universos discursivos distintos, contudo, só se realizam quando estão

juntos e nessa união se rebelam contra o que são, construindo a passarola, a sua Revolução.

Por um lado, nós estamos sempre nos reformulando a partir do encontro com o outro, seja o encontro que se dá através da literatura ou da experiência do vivido, inclusive experiências acadêmicas como essa. Os encontros e desencontros impactam nossos sentimentos, ou melhor: a experiência afeta a sensibilidade. Por outro lado, é apenas quando precisamos comunicar nossos sentimentos ao outro que realmente fixamos, através da linguagem, as fluidas sensações que compõem a dinâmica de um sentimento, isto é: a linguagem modela como os sentimentos são experimentados. Portanto, é o encontro com o outro, que dá algum sentido ao trajeto e ao procurarmos no outro o remédio para o desassossego, acabamos por transmiti-lo, como Blimunda:

Durante nove anos, Blimunda procurou Baltasar. [...] Sentava-se às portas, a conversar com as mulheres do lugar, ouvia-lhes as lamentações, os ais, menos vezes as alegrias, por serem poucas, por as guardar quem as sentia, talvez porque nem sempre há a certeza de se sentir o que se guarda, é só para não ficar desprovido de tudo. Por onde passava, ficava um fermento de desassossego [...] (SARAMAGO, 2013, p. 401)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. "Metrópoles: As Faces do Monstro Urbano (as cidades no século XIX)". In: *Cultura e Cidades*. Revista Brasileira de História 8-9. São Paulo: Anpuh/Marco Zero, 1985, p. 35-68.

FEBVRE, Lucien. *Combates da História*. Lisboa: Presença, 1989.

GRESPLAN, Jorge. "O lugar da história em tempos de crise". In: *Revista de História. Dossiê História e Historiografia*, São Paulo: DH/FFLCH/USP, n°151, p. 9-27, Dez. de 2004.

PESSOA, Fernando. *O livro do desassossego*. (Org. Richard Zenith). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Poesia. Álvaro de Campos*. (Org. Teresa Rita Lopes) Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

PINTO, Júlio Pimentel. "A literatura do desassossego no século XX". In: *EntreLivros*, n°.15, São Paulo, julho de 2006.

POMA, Paola. "Pessoa e Pirandello: confluência de dramas". In: *Vanguardas Literárias do Século XX. Revista de Letras*. São Paulo, v.50, n.1, p.11-23, jan./jun. 2010.

RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SALIBA, Elias Thomé. "*História cultural do humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas*". In: *Revista de História*. São Paulo: Universidade de São Paulo, n.176, 2017 (a).

\_\_\_\_\_. "*Melancolia é analisada através do tempo e o humor por três teorias*". In: O Estado de São Paulo. São Paulo, 9 de junho de 2017 (b).

SARAMAGO, José. *A bagagem do viajante*. São Paulo: Companhia das Letras: 1996. (Original 1973)

\_\_\_\_\_. *Memorial do Convento*. Lisboa: Caminho, 1994. (Original 1982)

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STAROBINSKI, Jean. *A tinta da melancolia. Uma história cultural da tristeza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

TABUCCHI, Antonio. “O fio do desassossego”. In: Folha de São Paulo, São Paulo, 09/09/2001. Disponível em:  
<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0909200117.htm>> Acesso: 07/10/15.